

O Rio do Samba - Resistência e Reinvenção

Alexandre Franco Dacosta¹



No pulso do coração - surdo: no calo da articulação - palma da mão - nas vértebras da espinha - reco-reco : no couro da pele - tamborim : no membranofone de fricção - cuíca : nas tripas dos nervos de aço - cavaquinho : nas soalhas de lata - pandeiro : na esteira do rufo - caixa : no eco da espiral - reco de mola : na fome do desejo - prato e faca : no gogó do ferro - agogô : na casca do vegetal - violão.

¹ é artista visual, músico, compositor, cineasta, ator e poeta. Realizou 17 exposições individuais e mais de 90 coletivas no Brasil e no exterior. Como cantor, músico e compositor além de fazer trilhas sonoras para filmes, vídeos e teatro, lançou o álbum “Antimatéria” (2017) com 13 canções nas plataformas digitais de música e o CD-Livro ADJETOS (Ed. 7 Letras/2011). Como diretor e roteirista produziu 14 filmes de curta-metragem, 6 ficções, 3 documentários, 5 experimentais, tendo ganho 11 prêmios em festivais. Como ator, protagonizou 4 longas metragens, 10 curtas e participou de mais de 40 filmes, 17 peças de teatro e musicais, seriados, minisséries e novelas. Como poeta lançou o livro [tecnopoética] (Ed. 7 Letras/2011), “Memória do Vidro” (2016), participa de revistas, publicações e colabora com áudios de poesias em programas de rádio.



A exposição “O Rio do Samba - Resistência e Reinvenção”, que está atracada no MAR - Museu de Arte do Rio, com curadoria de Clarissa Diniz, Evandro Salles, Marcelo Campos e mais Nei Lopes, curador convidado que na estiva do samba, o carrega como estima no sangue.

Como é bom ouvir música! Já está provado pela neurociência que esta linguagem estimula o desenvolvimento do cérebro em inúmeras ações cognitivas, afetivas e sociais.

Já na entrada, nas pilastras do museu, bandeiras das agremiações das Escolas de Samba do Rio de Janeiro estão penduradas e nos saúdam com suas cores, também um grande mapa da cidade na parede se traduz em zonas de calor do samba e seu vasto território. Ao entrar na mostra, um mergulho por um corredor-artéria pulsa ao som do coração, e ao percorrê-lo com os pés dos ouvidos e as mãos dos olhos, ouvimos, um a um, instrumentos característicos utilizados na confecção do ritmo e harmonia do samba construindo a argamassa desta parede musical que revela a alma carioca há um século. Frases com letras de sambas de diversas épocas também estampam os tapumes desta instalação sonora, rampa-musical que é uma veia aberta da América Latina Brasileira.





Como é bom dançar! Já está provado que o corpo tem memória, escuta, pensa, simboliza, motiva sentidos, que a dança dá autonomia, equilíbrio e renova o âmago do ser.

Projeções em tamanho natural de pessoas sambando, o corpo e a alma revestidos de alegria. Essas imagens introduzem nossos passos há tempos idos - da África oceânica, atlântica, sopra o vento rítmico dos tambores, da fissura das madeiras e cordas esticadas de suas naus, que contam e cantam sua história de resistência e marginalidade, com personagens e personalidades atuantes na história do samba desta metrópole de clima quente, marcada a ferro e fogo desde a diáspora negra.

No tempo do metrônomo em cima dos pianos dos salões da elite, ao batuque das ruas, morros, do carnaval pagão, todo esse som se mistura às partituras das canções populares da Europa (polca, valsa, modinha), e nessa "musicofagia" reinventa-se os gêneros: do jongo ao samba raiado, da capoeira ao samba de roda, da valsa ao choro, do maxixe ao samba. E com o surgimento do rádio e das gravações de discos, o samba inclusive se transforma em moeda, com músicos e



letristas vendendo suas composições ou incluindo parcerias com atravessadores, editores ou cantores que registravam assiduamente suas músicas a partir do primeiro samba maxixado gravado e creditado por Donga em 1917 - “Pelo Telefone”.



“Negro que já foi escravo, negro é a voz da verdade, negro é destino, é amor, negro também é saudade, um sorriso negro, um abraço negro, traz felicidade, negro sem emprego, fica sem sossego, negro é a raiz da liberdade”. (Sorriso Negro - Adilson Barbado, Jair de Carvalho e Jorge Portela).

Esta montagem procura abarcar todo o universo do samba, da pessoa à comunidade, do trabalho ao lazer. E ao sabor de cada linguagem - aquarela, fotografia, pintura, objeto, fantasia, capa de disco, documento, vídeo, texto - expande para uma conversa pública que transmite vida, ódio, amor, sofrimento, um Mix-X-Tudo com direito a ovo frito na frigideira do batuque - não dá tempo de respirar - num resfolêgo, num fôlego só, encontramos em outro andar abaixo da crista do MAR, uma instalação de surdos com baquetas (instrumentos percussivos

graves que marcam o tempo forte e também o contratempo do samba), que o visitante pode tocar e insuflar a sala de graves batidas do coração, e observar coloridas fotografias e uma escultura enredada pendurada no teto.

“Veja que situação e veja como sofre um pobre coração, pobre de quem acredita na glória e no dinheiro para ser feliz” (Saudade da Bahia - Dorival Caymmi).



A exposição “O Rio do Samba - Resistência e Reinvenção” retrata um amplo panorama deste ritmo que é a força motriz desta cidade, que sempre se renova em melodias, harmonias, partidos altos, novas bossas e pagodes, e contorna o país com suas pulsantes síncopes que trespassam nosso corpo da razão ao afeto. E como é bom ter uma exposição com música nos tocando, nos roçando a pele o tempo todo!

“O samba especializou-se, o samba especializou-se, trazendo uma nova linguagem no batuque, da dupla dinâmica, artistas da vertente atlântica e então, velho livro morreu, vocação voz do morro, enterrada no mar,

laraiá...esqueçam antigas divisões, sala, praça ou casa, barracão, sol e bar, laraiá, dupla de rara mensagem, variedade de imitação, com vocês o ar ameno das margens, super arte é a meta afinal” (O Samba Especializou-se - Dupla Especializada - Alexandre Dacosta e Ricardo Basbaum).

Ilustrações: Série Placas de Aviso - 2016-2018 - Alexandre Dacosta

